



EBRAPEM027

Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática



MOMENTOS E MOVIMENTOS DE UM ESTUDO ETNOMÁTÊMÁTICO SOBRE O MOÇAMBIQUE CAMISA ROSA

Flávia de Fatima Santos Silva¹

GD n° 16

Resumo: Por meio da ancestralidade, espiritualidade e religiosidade presentes no terno de congado Moçambique Camisa Rosa de Ituiutaba-MG almejamos apresentar a trajetória da pesquisa a partir das experiências e narrativas orais trazidas pela escuta das mulheres congadeiras e a utilização de seus artefatos e mentefatos. Procuramos compreender as múltiplas possibilidades de (re)leituras acerca desse terno, principalmente no que diz respeito ao seu caráter simbólico e sua importância étnico-cultural na reconstrução da identidade e da pertença cultural de seus praticantes. Além de ser uma celebração cultural e religiosa, o Moçambique Camisa Rosa também tem uma dimensão social, atuando como um espaço de preservação da identidade afro-brasileira, resistência histórica e fortalecimento das comunidades contribuindo para que as tradições e conhecimentos ancestrais, bem como para a promoção do respeito à diversidade cultural e à herança africana no Brasil sejam promulgados.

Palavras-chave: Etnomatemática; Narrativas orais; Ancestralidade, Moçambique Camisa Rosa .

INTRODUÇÃO

O presente relato apresenta-se como um recorte da tese de doutoramento em Educação pela Faculdade de Educação da USP em um processo de imersão e aprofundamento da pesquisa, que trouxe-nos olhares aguçados para os caminhos que estão sendo trilhados a fim de imergir no terno Moçambique Camisa Rosa de Ituiutaba - MG. Ao elucidarmos os caminhos, momentos e movimentos que aproximam a nossa perspectiva da decolonialidade, faremos, em paralelo, uma abordagem não linear em relação espiritualidade, de acordo com o olhar do Programa Etnomatemática a partir da perspectiva do professor e pesquisador Ubiratan D'Ambrósio e dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros a partir do olhar de Azoilda Loretto da Trindade por sua trajetória de pesquisa e militância antirracista, pois a intelectual negra foi expoente no trabalho com a valorização e contribuição da população negra à sociedade.

Compreender os caminhos do Congado, remete-nos à aproximação com os valores civilizatórios afro-brasileiros, que dialogam diretamente com as religiões de matriz afro-brasileira. Na dimensão do Programa Etnomatemática, iremos trazer a perspectiva cunhada pelo professor

¹Faculdade de Educação da Universidade São Paulo - FEUSP; Doutoranda em Educação; flavia.fssilva@usp.br; orientador(a): Cristiane Coppe de Oliveira.

Ubiratan em relação ao conceito de *Espiritualidade*. Dentro da Educação Matemática essa abordagem foi pouco explorada e vemos potencialidades a serem desenvolvidas a partir dessa temática que dialogam diretamente com os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros. A pesquisa visa evidenciar as narrativas orais e experiências de ancestralidade das mulheres do Moçambique Camisa Rosa.

CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Ao longo da trajetória da pesquisa, foi determinante a percepção e relação entre as vivências com religiões de matriz afro-brasileira, especificamente o candomblé e o Congado e a relação com a pesquisa. As possibilidades advindas do projeto CEERT (Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades), coordenado pela professora Cristiane Coppe de Oliveira, enquanto estudante, pesquisadora e avaliadora do projeto de formação de professores por uma Educação Matemática Antirracista, modificou os rumos da pesquisa. As narrativas mediante a perspectiva afro diaspórica evidenciada nos caminhos acadêmicos trouxeram as histórias de origem africana pautada nas vivências e na pesquisa de doutorado em que pudemos nos aproximar de dúvidas, afetações e **(in)compreensões**. Houve movimento de desconstruir a linearidade da pesquisa e de compreender a leitura e **(des)compreender** os textos após as aulas.

Com o objetivo de investigar os mitos fundantes presentes nas narrativas ancestrais das mulheres negras do Moçambique Camisa Rosa acerca de seus artefatos e mentefatos na perspectiva do Programa Etnomatemática, chega-se a seguinte problematização:

De que modo os artefatos e mentefatos estabelecem conexões com os valores afro-brasileiros, a religiosidade e ancestralidade das mulheres do Moçambique Camisa Rosa – Ituiutaba MG?

O Programa Etnomatemática foi cunhado em 1984, por Ubiratan D’ambrosio no 5º Internacional Congress on Mathematical Education reconheceu aspectos culturais e sociais da educação matemática, que já vinham sendo discutidos há algum tempo, o professor apresentou considerações teóricas, reflexões e motivações que o levaram ao entendimento, na época, do termo *etnomatemática*.

Com a combinação dos termos utilizados na palavra pode-se explicar etimologicamente: *ticas*, para maneiras, técnicas, artes; *matema*, para explicar, conhecer, entender; *ethnos*, para ambientes



naturais, sociais, culturais. Sendo assim, em resumo, o Programa Etnomatemática reconhece que sempre, em todas as culturas, os seres humanos

têm seu comportamento alimentado pela aquisição de conhecimento, de fazer (es) e de saber (es) que lhes permite sobreviver e transcender através de maneiras, de modos, de técnicas e artes de explicar, de conhecer, de entender, de lidar com, e conviver com a realidade natural e sociocultural na qual está inserida. (D'AMBROSIO, 2001, p. 60).

Por isso, “é um erro olhar para um ambiente cultural por ideias e categorias de conhecimento que são próprias de um ambiente cultural diferente” (D'AMBROSIO, 2016b, p. 10). Em cada uma das dimensões da Etnomatemática – conceitual, histórica, cognitiva, do cotidiano, epistemológica, política, educacional – percebemos a presença da ética primordial proposta por D'Ambrósio (2016a), que contempla como valores o respeito, a solidariedade e a cooperação. Como podemos ver em (RUFINO, 2016, p. 63),

as ações decoloniais miram a desestabilização dos padrões mundiais de poder herdados pelo colonialismo e operados até os dias de hoje. A perspectiva decolonial não é meramente um processo de descolonização. Essa opção segunda, a meu ver, está comprometida, uma vez que a experiência colonial traz a cena a problemática radical da constante alteração sofrida por parte daqueles que estão enredados ao processo. Assim, a decolonialidade emerge para além de um empreendimento político e epistemológico comprometido com as transformações radicais e a transgressão dos limites mantenedores do poder da modernidade, configurando-se também como um empreendimento que insere a América Latina de forma mais contundente no debate pós-colonial. Dessa forma, amplio o horizonte de ações decoloniais possíveis, enfatizando as corporeidades afro-brasileiras, aqui lidas em uma perspectiva interseccional, e credibilizando os conceitos próprios dos campos trabalhados em um diálogo encruzado com as categorias analíticas das ciências humanas.

Na dimensão educacional, em particular, o autor destaca a transdisciplinaridade como “um enfoque holístico ao conhecimento que procura levar a essas consequências de respeito, solidariedade e cooperação e se apoia na recuperação das várias dimensões do ser humano para a compreensão do mundo na sua integralidade” (idem, p.57). Sendo assim, segundo ele, o essencial da transdisciplinaridade está em reconhecer que conhecimentos não podem ser hierarquizados, pois complexos de explicações e de convivência dependem da realidade social e cultural de cada indivíduo.

Tais afirmações ganham sentido com a mitocrítica para a análise de discursos e de narrativas, pois um texto sempre é o cruzamento (as encruzilhadas) entre os indivíduos e o território, considerando as características que o peculiarizam, no qual os sujeitos experimentam e



fazem a vida, bem como com as relações interpessoais e a história sociocultural dos indivíduos que dela fazem parte. Mitos pessoais e coletivos que dialogam com as tentativas de invadir os imaginários, a fim de compreender a mensagem que aquele que narra (as histórias) e/ou pretende deixar. De acordo com Adichie (2019, p.32-33),

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada... quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.

Rodrigues Júnior (2017) nos recorda que falar sobre o funcionamento do mundo colonial perpassa por fundamentos estruturais e estruturantes sobre raça e racismo e que o *cruxo* - a encruzilhada - como saber e fazer poético, estão imbricados na ancestralidade e na maneira não linear do princípio da própria (nossa) existência. Teremos na encruzilhada, um fio condutor da escrita desse capítulo. Saindo da lógica binária, dualista e dicotômica de olhar para este mundo.

No âmbito educacional o tema é trazido de maneira delicada e complexa. O professor Ubiratan, nos convida a um aprofundamento do tema com reflexões importantes na maneira com que vemos o mundo. Assim como podemos ver em (D'AMBROSIO, 1999, p. 153-155),

Se atentarmos para o conhecimento associado a esse comportamento, notamos a inexistência de uma ética maior. O conhecimento progride sem uma ética maior, que deveria reconhecer:

- o valor intrínseco do indivíduo – vale porque é, não pelo como é;
- a necessidade absoluta do outro – sem o qual se decreta a extinção da espécie;
- a sua integração com o cosmos – como parte essencial de um todo.

Reestabelecer essa ética me parece prioritário e é isso que proponho na ética da diversidade, mencionada repetidas vezes nesse livro: respeito, solidariedade e cooperação.

RESPEITO	=====	PAZ INTERIOR
SOLIDARIEDADE	=====	PAZ SOCIAL
COOPERAÇÃO	=====	PAZ AMBIENTAL

Em que podemos ver o *respeito* pelo outro com todas as suas diferenças. A *solidariedade* com o outro na satisfação de necessidades de sobrevivência e de transcendência e a *cooperação* com o outro na preservação do patrimônio natural e cultural comum.

Compreender a espiritualidade como uma dimensão do Programa Etnomatemática, nos leva a reflexão dos mitos fundantes cunhado pelo professor Ubiratan. As narrativas orais e mitos



são chamados por ele de mentefatos e que a mitocrítica de Durand (1996) pode seguir o caminho da análise dos discursos narrativos da constituição dos artefatos e mentefatos mítico religiosos.

Como podemos ver em (COPPE-OLIVEIRA, p. 58, 2007)

ao longo da exposição de sua teoria, Durand explicita a noção de imaginário por meio de várias ideias, apresentando uma perspectiva que o imaginário pode ser considerado como essência do espírito, à medida que o ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo) é o impulso oriundo de ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimentos, sensibilidade, emoções...), é a raiz de tudo aquilo, que para o homem, existe.

CAMINHOS E NARRATIVAS DO MOÇAMBIQUE CAMISA ROSA

No dia 11 de novembro de 2016 estivemos pela primeira vez presenciando um grupo de Congado. Quando ainda cruzava o primeiro ano do mestrado e aguardava o início das aulas na Universidade Federal de Uberlândia, toda a parte externa da entrada do campus fora ocupada pelo terno Moçambique Quilombo dos Palmares, como podemos ver na foto abaixo:

Figura 1 – Moçambique Quilombo dos Palmares



Fonte: acervo pessoal da autora.

A memória de toda a força e presença no campus da universidade foi intensa com os sons dos “tambores” e “chocalhos” que emergiam em todos os lugares que podiam ser ouvidos de longe. Esta experiência marcante pôde ser lembrada em um momento de memória muito afetiva no curso de *Formação continuada de professores “Por uma Educação Matemática antirracista”* organizado pelo projeto CEERT. No curso, a palestra do dia 17 de maio de 2021: *Conhecendo o congado em Ituiutaba/MG*, foi o primeiro contato que tivemos com os(as) ministrantes: Lúcia Helena dos Santos Oliveira (graduanda em História do ICHPO/UFU) e que é familiar e integrante

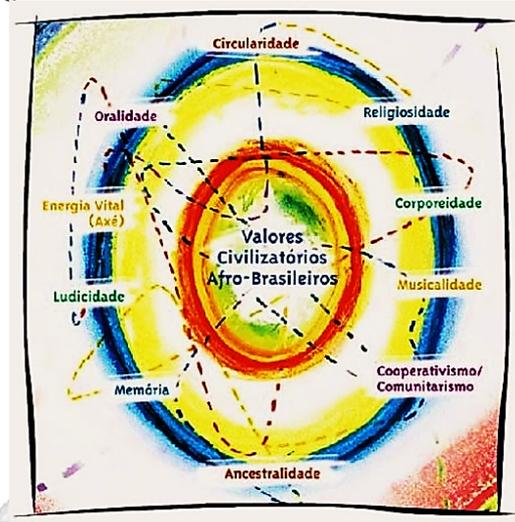


XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática
Tema: Desafios educacionais e impactos Sociais das Pesquisas em Educação Matemática.
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática / Instituto Federal do Espírito Santo - IFES-Vitória-ES
12, 13 e 14 de outubro de 2023 – presencial.

do Moçambique Camisa Rosa e Renê Aparecido Santos (graduado em Matemática pelo ICENP/UFU), que integra a camisa Congo Real, ambos(as) congadeiros(as).

Os valores civilizatórios afro-brasileiros também foram apontados na apresentação, cunhados por Azoilda Loretto da Trindade, no projeto “A cor da Cultura”, tais valores são: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, memória, ancestralidade, cooperativismo, oralidade, energia vital e ludicidade.

Figura 2 – Valores Civilizatórios AfroBrasileiros



Fonte: <http://www.acordacultura.org.br/oprojeto>

Conseguimos vislumbrar os valores civilizatórios apresentados nas experiências congadeiras e moçambiqueiras e também nas referências do candomblé. Os instrumentos são personalizados e repletos de especificidades que imprimem a identidade dos ternos. Congadeiros(as) reconhecem os toques do tambor de outros ternos somente por ouvi-los tocar, mesmo sem vê-los. Temos a caixa/tambor, o chocalho, o repique/repilique, a patangoma, a gunga, a cuíca, o reco reco, o tamborim, a sanfona/acordeom, os instrumentos de cordas.

As vestimentas, cores e adereços são características de cada terno em que as cores das vestes da Nossa Senhora do Rosário – branco, azul e rosa – sempre estiveram presentes nos ternos. No caso do Moçambique Camisa Rosa, a cor predominante vem das flores (rosas) utilizadas por Nossa Senhora do Rosário, como havia dez ternos diferentes em Ituiutaba – MG as cores verde e amarelo também foram inseridas mesmo que sem relação com a igreja católica e sim, em relação



ao fundador do terno em alguns aspectos relacionados à hierarquia das confrarias e história dos capitães.

A ancestralidade também aparece nos ornamentos utilizados pelos(as) congadeiros(as). Os chapéus, capelas e coroas, assim como os bastões, são passados pelas mais velhas das confrarias, de geração em geração.

A musicalidade é vista como um instrumento de corporeidade para os(as) congadeiros(as) onde os ensinamentos e memórias são sempre revisitados. Os instrumentos são criados para as danças e o corpo faz parte dos movimentos e sons. As confrarias de Moçambique que vão contar os contos, mitos de escravização onde as músicas entram como narrativas de todo esse processo. O movimento simbiótico dessa musicalidade é organizado entre as confrarias de tal modo que cada uma possui o seu papel na apresentação e nas músicas e cantos. A todo momento o repertório de resistência da negritude é entoado onde no mesmo cantar, o catolicismo e o candomblé/umbanda são contemplados como por exemplo o canto para Ogum e São Jorge em que a oralidade e seus usos poéticos são aprofundados dentro da perspectiva afro-brasileira e africana, lembrando que a musicalidade é um valor civilizatório afro-brasileiro.

ACOMPANHANDO O MOÇAMBIQUE CAMISA ROSA EM ITUIUTABA - MG

Iniciar a narrativa que conta a trajetória de acompanhamento da apresentação do terno Moçambique Camisa Rosa no dia 15 de maio de 2022 é rememorar todo percurso e caminhos que nos levaram aquele dia. Há de começarmos rememorando o projeto: “A Cor da Cultura”, criado em 2004, no qual a professora Cristiane Coppe de Oliveira, que orienta a presente pesquisa, fez parte apresentando o artigo “O Programa Etnomatemática e as possibilidades de implementação da Lei nº 10.639/03”, interligando Matemática, cultura e educação. O projeto foi assinado pela gerente de Mobilização e Articulação Comunitária do Canal Futura, Ana Paula Brandão.

Um destaque importante que daremos na pesquisa é para o trabalho potente e ancestral de Azoilda Loretto da Trindade, uma intelectual negra, defensora assídua da Educação Antirracista, idealizadora dos “Valores civilizatórios Afro-brasileiros”, que têm sido uma grande referência para a nossa caminhada. Chegar à celebração do terno Moçambique Camisa Rosa passa por um processo de imersão à prática dos “Valores civilizatórios Afro-brasileiros”.



Figura 3: Azoilda Trindade e Cristiane Coppe em formação



Fonte: acervo pessoal das autoras

Houve um processo de integração do projeto CEERT, em que durante a pesquisa, fizemos parte como aluna, avaliadora e doutoranda em que tivemos a oportunidade de coordenar o 2º Fórum: *África no currículo escolar* a luz da temática de currículo. Essa proposta é uma vertente do projeto “A Cor da Cultura” e o aprofundamento possibilitado ao integrar a equipe organizadora nos aproximou dos “Valores civilizatórios Afro-brasileiros” obtendo um olhar antirracista e da dimensão pedagógica do Programa Etnomatemática com as questões étnico-raciais para a pesquisa. De acordo com Azoilda Loretto da Trindade, seguimos a seguinte reflexão:

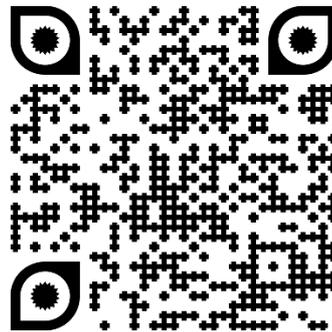
Temos valores marcados por uma diversidade, somos descendentes de organizações humanas em processo constante de civilização – digo processo, e não evolução. Como afro-brasileiras e afrobrasileiros, ciosas/os e orgulhosas/os desta condição, em diálogo com valores humanos de várias etnias e grupos sociais, imprimimos valores civilizatórios de matriz africana à nossa brasilidade que é plural (TRINDADE, 2015a, pág. 143).

Ressaltamos esse trabalho, pois como citado anteriormente, o olhar da pesquisa para a procissão e visitação do terno Moçambique Camisa Rosa, passa pelos valores civilizatórios cunhados por Azoilda Trindade: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, memória, ancestralidade, cooperativismo, oralidade, energia vital e ludicidade. E é com essa referência que iremos descrever as etapas que foram acompanhadas nesse processo.

A pesquisa de inspiração etnográfica é iniciada no dia 13 de maio de 2022. Após dois anos de ausência das festividades do terno Moçambique Camisa Rosa e da festa do Congado,



decorrentes do período de pandemia, tive a oportunidade de visitá-los nesse retorno e iniciando esse processo em um dia de resistência de uma abolição de nunca ocorreu.



2

O 15 de maio, teve início às 4h30 da manhã, com os preparativos, bênçãos e orações mediados pelo universo sagrado e festivo pautado na troca de saberes ancestrais provindos de uma das filhas da fundadora do grupo, uma das avós de Lúcia. Me deparamo-nos com uma imagem de São Benedito, padroeiro do terno, e em seguida vamos às rezas trazidas pela sua avó, a Sra. Maria das Graças Silva, que simbolizam a ancestralidade e respeito aos mais velhos da confraria.

Figura 4: Imagem de São Benedito



Fonte: acervo pessoal das autoras

A religiosidade se mistura a ancestralidade nos movimentos de bênção e rezas às roupas, instrumentos e integrantes da confraria. Todos e todas são abençoados onde as rezas são validadas pelas mãos da Sra. Maria das Graças. A ancestralidade é vista e torna-se presente por meio dos

² QR code com o vídeo de apresentação da festa de congado em que o Moçambique Camisa Rosa se apresenta.



nossos corpos e falas, pois é a partir daí que nossos ancestrais se conectam e se tornam presentes em nossas ações. Uma figura como a Sra. Maria das Graças, materializa essa ancestralidade, simbolizando o respeito aos que vieram antes de nós, ela imprime os valores civilizatórios afro-brasileiros perpetuando os que estão sempre presentes em nossos caminhos.

Na religiosidade vem a bênção de São Bendito e Nossa Senhora do Rosário em movimento de resistência à igreja católica. São Benedito, padroeiro do Moçambique Camisa Rosa, é o elo do sagrado que une o catolicismo aos movimentos afro diaspóricos do Congado que resistiu e resiste na história do povo negro em Ituiutaba – MG.

Todo o processo de musicalidade e corporeidade no Congado é muito intenso, onde os artefatos podem ser vistos como extensões dos indivíduos. Há de sentirmos a força nos sons dos instrumentos, com a musicalidade de quem vibra em consonância com os batimentos do coração e todo o resto do corpo que estremece. Inúmeras, foram as situações em que fomos tomadas pela emoção onde nossos sentidos foram aguçados e nos sentimos afetadas pela harmonia entre música e corporeidade. Os corpos, em especial os corpos pretos, são percebidos em uma sociedade racista, de uma maneira que põe em questão a nossa existência. No Congado, vivemos uma experiência de exaltação dos nossos traços negróides e ancestrais. A autoafirmação da negritude de povos que foram invisibilizados são marcas importantes dos corpos negros no Moçambique Camisa Rosa.

É na oralidade e na memória que a existência do povo preto é autoafirmada. No Moçambique Camisa Rosa, os mentefatos abrangem os indivíduos em suas narrativas e na capacidade de se comunicar e compreender o(a) outro(a). Todos e todas são ouvidos e têm voz. O ato de falar é liberdade. Liberdade que foi silenciada causando apagamentos sobre a nossa existência. Na memória, vemos a ancestralidade. Trazemos a organização da escrita feita de tal maneira que aparece em etapas, mas todas fazem parte uma da outra, ora se misturando, ora aparecendo em mais de um momento da procissão.



TECENDO CONSIDERAÇÕES...

Após elucidarmos os caminhos, momentos e movimentos que aproximam a nossa perspectiva da decolonialidade, faremos, em paralelo, uma abordagem das encruzilhadas de Exu em relação aos desafios da educação e espiritualidade, de acordo com o olhar do Programa Etnomatemática e dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros.

Tais afirmações ganham sentido com a mitocrítica para a análise de discursos e de narrativas, pois um texto sempre é o cruzamento (as encruzilhadas) entre os indivíduos e o território, considerando as características que o peculiarizam, no qual os sujeitos experimentam e fazem a vida, bem como com as relações interpessoais e a história sociocultural dos indivíduos que dela fazem parte. Mitos pessoais e coletivos que dialogam com as tentativas de invadir os imaginários, a fim de compreender a mensagem que aquele que narra (as histórias) e/ou pretende deixar. De acordo com Adichie (2019, p.32-33),

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada... quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.

Rodrigues Júnior (2017) nos recorda que falar sobre o funcionamento do mundo colonial perpassa por fundamentos estruturais e estruturantes sobre raça e racismo e que o *CRUZO* - a encruzilhada - como saber e fazer poético, estão imbricados na ancestralidade e na maneira não linear do princípio da própria (nossa) existência. saindo da lógica binária, dualista e dicotômica de olhar para este mundo.

Pretendemos trazer luz a escuta das mulheres do Moçambique Camisa Rosa e ancestralidade das narrativas orais trazendo os valores civilizatórios afro-brasileiros e ressaltando as histórias de vida e a relação de mentefatos e artefatos utilizados na manifestação do congado (instrumentos musicais, adornos e vestimentas) e na dimensão pedagógica da Espiritualidade com os mitos fundantes apontados pelo professor Ubiratan D'Ambrosio.



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras 2019.

COPPE-OLIVEIRA, C. *A sombra do arco-íris: um estudo histórico/mitocrítico do discurso pedagógico de Malba Tahan*. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2007.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação Matemática da Teoria a Prática**. Educacional Brasileira S.S: São Paulo: Papyrus, 2001.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Um diálogo com Ubiratan D'Ambrosio: uma conversa brasileira sobre etnomatemática**. In BANDEIRA, F. A.; GONÇALVEZ, P. G. F. (Orgs.). *Etnomatemáticas pelos Brasil: aspectos teóricos, ticas de matema e práticas escolares*. Curitiba: Editora CRV, 2016.

D'AMBRÓSIO, U. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1999.

OLIVEIRA, Cristiane Coppe de. KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Valores civilizatórios afro-brasileiros: tecendo diálogos pedagógicos**. Uberlândia: EDUDU, 2013.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 591 pp.

RODRIGUES JÚNIOR, Luiz Rufino. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. 231f. Tese (doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UERJ, 2017.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. 2016. 233f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação

SILVA, Isabel Cristina da Costa. KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Saberes em (re)construção :os sessenta anos do 'Terno de Moçambique Camisa Rosa' Ituiutaba, MG**. *Revista de Educação Popular*, p. 123 - 131, 01 jun. 2012.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Em busca da cidadania plena**. In: *A cor da Cultura – Saberes e fazeres: modos de ver*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

